INFLUÊNCIAS INTERLINGUÍSTICAS DO HUNSRÜCKISCH NA ESCRITA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO POR CRIANÇAS BILÍNGUES DO 1º, 2º E 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE MORRO REUTER/RS

INTERLINGUISTIC INFLUENCES OF HUNSRÜCKISCH ON
THE WRITING IN BRAZILIAN PORTUGUESE BY BILINGUAL
CHILDREN IN THE 1ST, 2ND AND 3RD YEARS OF ELEMENTARY
SCHOOL IN THE CITY OF MORRO REUTER/RS

Rosemari Lorenz Martins¹

Resumo: Muitos pais e professores de crianças bilíngues falantes do hunsrückisch e do português acreditam que os erros de ortografia dessas crianças resultem de influências do hunsrückisch na escrita do português. Diante disso, este trabalho tem como objetivo investigar em que medida o bilinguismo interfere na escrita em português por parte de crianças bilíngues do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental da cidade de Morro Reuter/RS. Para tanto, investigaram-se a fala e a escrita de 36 crianças, considerando-se o papel de contextos linguísticos e sociais. A análise das amostras de fala e de escrita mostrou que o bilinguismo interfere, em alguma medida, na escrita das crianças em português, porque as crianças, em fase de aquisição, buscam apoio na oralidade em seu processo de construção da escrita. Contudo, nem todos os erros de ortografia podem ser creditados a influências interlinguísticas.

Palavras-chave: aquisição da escrita; bilinguismo; ortografia.

Abstract: Many parents and teachers of bilingual children who are speakers of Hunsrückisch and Brazilian Portuguese believe that these children's misspellings result from the influences of Hunsrückisch on the writing in Portuguese. Thus, this study aims to investigate the extent to which bilingualism interferes in the Portuguese writing by bilingual children in the 1st, 2nd and 3rd years of Elementary School in the city of Morro Reuter/RS. We investigated the speaking and writing of 36 children, considering the role of linguistic contexts as well as their social life. The analysis of speaking and

1 Doutora em Letras pela PUCRS. Professora do Curso de Letras da Universidade Feevale.

writing samples showed that bilingualism interferes, in some measure, in children's Portuguese writing, because children, being in the learning process, seek support in oral communication in their writing construction process. However, not all misspellings can be credited to interlinguistic influences.

Keywords: bilingualism; spelling; writing acquisition.

Considerações iniciais

Ser bilíngue é motivo de orgulho para muitas crianças da cidade de Morro Reuter/RS, que, além do português, falam o hunsrückisch, língua trazida ao Brasil pelos imigrantes alemães a partir de 1824. O mesmo orgulho é sentido por seus avós, pais e professores, os quais acreditam que falar duas línguas possibilita novos horizontes às crianças e aumenta suas chances no mercado de trabalho no futuro.

Contudo, embora valorizem a fala bilíngue e lutem pela manutenção dessa língua de imigração, muitos pais e professores acreditam que falar hunsrückisch, doravante HR, interfere na aprendizagem do português, porque as crianças fazem trocas na fala e apresentam erros de ortografia, que creem advir de influências interlinguísticas do HR no português, doravante PB. Aprender a escrever, contudo, conforme Ferreiro e Teberosky (1986), não se reduz à associação entre sons e letras ou à memorização de palavras, mas resulta de um processo de construção. Isso porque a escrita não constitui uma representação exata da linguagem oral, uma transcrição fonética da fala, já que o sistema de escrita alfabético, como é o caso da escrita do PB, não transcreve os fonemas, mas analisa a linguagem para poder identificá-los e representá-los simbolicamente. A relação entre fala e escrita é, na verdade, segundo Kato (1990) e Ferreiro e Teberosky (1986), essencialmente fonêmica, ou seja, a escrita procura representar aquilo que é funcionalmente significativo na fala. Dessa forma, o erro ortográfico faz parte da construção da escrita de qualquer criança na fase inicial de aquisição, uma vez que todas tendem a escrever como falam.

Abaurre (1999) também questiona a tese de que as crianças representam na escrita os próprios sons da fala. Para a pesquisadora, a escrita nem sempre representa a forma como a criança fala, mas reflete a forma como ela pensa sobre a estrutura da língua que fala e sobre sua representação na escrita.

Para compreender a escrita inicial das crianças, contudo, segundo Mezzomo, Boli Mota e Dias (2010), é preciso considerar que existe uma relação entre

a oralidade e a escrita, porque as operações de processamento da escrita se baseiam, inicialmente, na estrutura fonológica da língua. Desse modo, alterações fonológicas presentes na fala podem influenciar diretamente a escrita, de forma que uma criança que realiza trocas de fonemas em sua fala poderá ter problemas na conversão grafema-fonema, o que dificultará a aquisição da escrita. Sendo assim, indivíduos bilíngues, que realizam trocas na fala, poderão ter dificuldades em sua escrita inicial em decorrência de influências interlinguísticas de ordem fonético-fonológica.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo investigar em que medida o bilinguismo interfere na escrita em português de crianças bilíngues do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental da cidade de Morro Reuter/RS. Para tanto, investigaram-se a fala e a escrita de 36 crianças, considerando-se o papel de contextos linguísticos, como o tipo de fonemas e letras trocados, a classe dos segmentos, a posição do segmento na palavra morfológica e a tonicidade, bem como o papel de contextos sociais, como a influência do tempo de escolaridade, do sexo e da zona de moradia dos informantes (rural e urbana).

Metodologia

Para desenvolver a pesquisa, foram investigadas a fala e a escrita de 36 crianças bilíngues (dezoito do sexo feminino e dezoito do masculino), falantes do PB e do HR, da Cidade de Morro Reuter/RS, matriculadas no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental (seis em cada ano escolar). Das 36 crianças, dezoito residem e frequentam a escola na zona rural e dezoito residem e frequentam a escola na zona urbana. No período da coleta dos dados, em 2010, as crianças tinham entre 6:10 e 9:10 anos.

A coleta dos dados foi realizada em quatro momentos distintos: dois em julho de 2010 e dois em novembro do mesmo ano (um para a coleta dos dados de fala e outro para a coleta dos dados de escrita), utilizando-se, para tanto, quatro instrumentos diferentes, um para cada coleta. Os instrumentos utilizados para as duas coletas de dados de fala foram 12 figuras temáticas, desenhadas especialmente para a pesquisa pelo artista plástico Marcelo Zeni (para a primeira coleta) e 68 figuras retiradas da internet (para a segunda coleta).

As figuras utilizadas para as duas coletas tinham como objetivo levar as crianças à produção de palavras que contivessem os fonemas-alvo do estudo, quais sejam /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, R, r/, localizados em duas posições na palavra morfológica – início e meio da palavra – e em três

posições silábicas, de acordo com a tonicidade – pré-tônica, tônica e pós-tônica. Para a coleta dos dados, as figuras foram apresentadas uma a uma às crianças, a fim de que nomeassem o que viam e produzissem oralmente as palavras-alvo contendo os fonemas-alvo da pesquisa². Todas as interações foram gravadas em gravador de voz digital, Digital Life DL, com três opções de gravação, LP/SP/HP, com reprodução de áudio em MP3 e WAV. Posteriormente, todas as palavras que continham os fonemas-alvo da pesquisa foram transcritas foneticamente para a realização da análise.

A coleta dos dados de escrita foi feita por meio de dois ditados, utilizando-se as palavras-alvo da pesquisa. Para a realização dos ditados, cada palavra foi produzida duas vezes de forma clara pela pesquisadora, sem que nenhum fonema fosse enfatizado, para evitar, na medida do possível, a interferência de sua fala na escrita das crianças. No final dos ditados, quando todos já tinham escrito todas as palavras, cada uma delas foi repetida mais uma vez, para que as crianças pudessem conferir sua escrita. Concluídos os ditados, as palavras redigidas pelas crianças foram digitadas exatamente da forma como foram registradas para posterior análise.

Concluídas as coletas, os dados foram submetidos ao programa de análise estatística *Goldvarb X*, para a verificação dos condicionamentos sociais e linguísticos das trocas de fonemas e grafemas realizadas pelas crianças, com o intuito de verificar em que medida as trocas realizadas na fala dessas crianças ocorreram também em sua escrita. Para a verificação dos condicionamentos linguísticos, foram consideradas as variáveis operacionais *Tipo de Troca*, *Classe de Segmentos*, *Posição na Palavra Morfológica* e *Tonicidade*.

A variável *Tipo de Troca* refere-se ao tipo de processo de troca. Essa variável integra os seguintes fatores: (a) *sonorização*: troca de fonema desvozeado pelo seu correspondente vozeado e troca de grafema que representa fonema desvozeado pelo grafema que representa o fonema vozeado correspondente, como a troca de /k/ e c em *cabide* por /g/ e g em ‘gabide’; (b) *dessororização*: troca de fonema vozeado pelo seu correspondente desvozeado e troca de grafema que representa fonema vozeado pelo grafema que representa o fonema desvozeado correspondente, como a troca de /g/ e g em *papagaio* por /k/ e c em ‘papacaio’; (c) *neutralização*: troca de /R/ e do dígrafo rr em *carro* por /r/ e r em ‘caro’; (d) *potencialização*: troca de /r/ e r em *barata* por /R/ e dígrafo rr em ‘barrata’.

A variável *Classe de Segmentos* refere-se ao tipo de segmento trocado e integra os seguintes fatores: (a) oclusivos: trocas envolvendo os fonemas

2 Destaca-se que, apesar de as crianças terem produzido inúmeras palavras, foram analisados, nesta pesquisa, somente os nomes (substantivos); as palavras das demais classes foram descartadas.

/p,b/; /k,g/ e /t,d/ e os grafemas que os representam na escrita, como a troca de /p/ e *p* em *pente* por /b/ e *b* em ‘bente’; (b) fricativos: trocas envolvendo os fonemas /f,v/; /s,z/ e /ʃ, ʒ/ e os grafemas que os representam na escrita, como a troca de /ʃ/ e *ch* em *chave* por /ʒ/ e *j* em ‘jave’; e (c) róticos: trocas envolvendo os fonemas /R, r/ e os grafemas que os representam na escrita, como a troca de /R/ e ‘rr’ em *carruagem* por /r/ e ‘r’ em ‘caruagem’ ou de /r/ e ‘r’ em *barata* por /R/ e ‘rr’ em ‘barrata’.

A variável *Posição na Palavra Morfológica* refere-se à posição que o fonema/grafema-alvo pode ocupar na palavra. Essa variável integra os seguintes fatores: (a) início de palavra: /b/ ou *b* em *boneca*; /p/ ou *p* em *palhaço*; /g/ ou *g* em *galinha*; /k/ ou *c* em *carro*; /d/ ou *d* em *dado*; /t/ ou *t* em *tartaruga*; /v/ ou *v* em *vela*; /f/ ou *f* em *fotografia*; /z/ ou *z* em *zumbi*; /s/ ou *s* em *sala*; /ʒ/ ou *j* em *janela*; /ʃ/ ou *ch* em *chave*; /R/ ou *r* em *rato*; (b) meio de palavra: /b/ ou *b* em *cabide*; /p/ ou *p* em *sapato*; /g/ ou *g* em *tartaruga*; /k/ ou *c* em *boneca*; /d/ ou *d* em *enroladinho*; /t/ ou *t* em *fotografia*; /v/ ou *v* em *caravela*; /f/ ou *f* em *telefone*; /z/ ou *z* em *azulejo*; /s/ ou *ss* em *passarinho*; /ʒ/ ou *j* em *manjedoura*; /ʃ/ ou *ch* em *fechadura*; /r/ ou *r* em *barata*; /R/ ou *rr* em *carro*.

Através do controle da variável *Tonicidade*, é possível analisar se a troca ocorre em posição tônica ou átona. Para tanto, são considerados os seguintes fatores: (a) pré-tônica: como /b/ ou *b* em *boneca*; /p/ ou *p* em *pirata*; /d/ ou *d* em *dragão*; /t/ ou *t* em *tijolo*; /g/ ou *g* em *garrafa*; /k/ ou *c* em *cachorro*; /z/ ou *z* em *zumbi*; /s/ ou *s* em *sapato*; /ʒ/ ou *j* em *janela*; /ʃ/ ou *ch* em *chinelo*; /v/ ou *v* em *vestido*; /f/ ou *f* em *fantasma*; /R/ ou *r* em *rainha*; /r/ ou *r* em *caravela*; (b) tônica: como /b/ ou *b* em *bruxa*; /p/ ou *p* em *porta*; /d/ ou *d* em *dedo*; /t/ ou *tem* *teia*; /g/ ou *g* em *gato*; /k/ ou *c* em *copo*; /ʒ/ ou *j* em *tijolo*; /ʃ/ ou *ch* em *chave*; /v/ ou *v* em *vela*; /f/ ou *f* em *fogo*; /z/ ou *z* em *zebra*; /s/ ou *s* em *sala*; /R/ ou *r* em *rato*; /r/ ou *r* em *barata*; (c) pós-tônica: como /b/ ou *b* em *rabo*; /p/ ou *p* em *sapo*; /d/ ou *d* em *espada*; /t/ ou *t* em *corrente*; /g/ ou *g* em *morcego*; /k/ ou *c* em *boneca*; /z/ ou *s* em *rosa*; /s/ ou *ç* em *carroça*; /ʒ/ ou *j* em *laranja*; /ʃ/ ou *x* em *lixo*; /R/ ou *rr* em *garrafa*; /r/ ou *r* em *vampiro*.

Já para a verificação dos condicionamentos sociais, foram investigadas as dimensões *Sexo* (masculino e feminino), *Escolaridade* (1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental) e *Zona de Localização* (zona rural ou urbana, considerando-se o local de residência das crianças).

Apresentação e Discussão dos Resultados

A análise dos dados mostrou que as crianças realizaram trocas tanto na fala quanto na escrita. O percentual de trocas, contudo, foi maior na escri-

ta, totalizando 7,2% (488 trocas de letras em 6.764 ocorrências), enquanto na fala o percentual foi 5,5% (606 trocas de fonemas em 11.108 ocorrências). Esses percentuais ficaram abaixo do que se esperava, mas estão em consonância com os resultados obtidos por Gewehr-Borella (2009) com crianças bilíngues, falantes do HR e do PB, de séries iniciais do Ensino Básico de Picada Café, cidade vizinha a Morro Reuter, os quais também indicaram um percentual de trocas aquém do esperado.

a) Frequência Global

A análise geral dos dados do grupo de crianças de Morro Reuter mostrou que a *neutralização* do rótico, como a produção (ou escrita) de ‘caros-sel’ no lugar de *carrossel*, é o processo de troca mais frequente, tanto na fala quanto na escrita, como mostram os Gráficos 1 e 2 que seguem.

Gráfico 1 – Dados de fala: Tipo de Processo. Fonte: Martins, 2013, p.146

Gráfico 2 – Dados de escrita: Tipo de Processo. Fonte: elaborado a partir de Martins, 2013, p.180

A predominância da *neutralização*, com peso relativo de 0,994³, no que tange às trocas fonêmicas, já foi identificada por Schneider (2007) em sua tese de doutorado, a qual justificou a alta frequência da *neutralização* do rótico ao fato de esse processo, por ser muito frequente, passar despercebido como traço socialmente marcado e estigmatizado pelos falantes, a ponto de nem mesmo os professores perceberem essa troca.

O percentual elevado de *neutralizações* na fala resulta, provavelmente, da inexistência de parâmetros fonológicos entre r-forte e r-fraco no HR, primeira língua aprendida pelas crianças, cujo sistema fonológico, segundo Wiesemann (2008), contempla somente o r-fraco, caracterizando-se a *neutralização* do rótico no PB, dessa forma, como uma influência interlinguística da língua de imigração no PB. Isso se comprova na medida em que os informantes da zona rural, que utilizam o HR com mais frequência, realizaram 78,4% de *neutralizações* (243 em 310 ocorrências), enquanto os informantes da zona urbana realizaram menos (60,3%, 211 em 350 ocorrências).

O índice mais alto de trocas na escrita, com peso relativo de 0,593⁴, por outro lado, possivelmente decorre do fato de haver mais de uma representação possível para o r-forte em PB, dependendo do contexto em que é usado ('r' em *onset* inicial, como na escrita de 'rato', e em *onset* medial após consoante, como na escrita de 'enroladinho', e 'rr' em *onset* medial e entre vogais, como em 'carro'). Sendo assim, esse tipo de troca pode não ser motivado, exclusivamente, pela *neutralização* do /R/, mas decorrer muito mais do desconhecimento das diferentes representações do r-forte, até porque esse tipo de erro também aparece entre crianças monolíngues, como foi verificado por Martins (2013), que identificou um percentual de trocas de 58,3% em crianças monolíngues de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental da cidade de Novo Hamburgo, as quais não fizeram trocas na fala.

No que se refere à troca entre segmentos vozeados e desvozeados, a pesquisa revelou que a *dessonorização*, como a troca de /d/ e *d* em *dado* por /t/ e *t* em 'tado', foi mais frequente, nas duas modalidades da língua (com peso relativo de 0,759 na fala e 0,092 na escrita), do que o processo de *sonorização*, como a troca de /t/ e *t* em *tapete* por /d/ e *d* em 'dapete' (com peso relativo de 0,166 na fala e 0,026 na escrita). Isso se deve, possivelmente, ao fato de os fonemas oclusivos desvozeados com e sem aspiração, ou seja,

3 A sonorização, com peso relativo 0,166, teve uma taxa de aplicação bastante baixa, enquanto os processos de dessonorização e potencialização, com peso relativo 0,759 e 0,805, respectivamente, mostraram pesos mais altos, assim como a neutralização.

4 Os demais processos, potencialização, sonorização e dessonorização, com peso relativo de 0,015, 0,026 e 0,92, respectivamente, obtiveram taxas de aplicação que indicam o desfavorecimento, enquanto a taxa de neutralização revela ser esta um contexto favorável à troca de letras.

sem pré-vozeamento em início de palavra, serem raros no HR, segundo Altenhofen (1996), o que pode levar falantes bilíngues à *dessonorização* também em PB. Sendo assim, pode-se dizer que as *dessonorizações* na fala das crianças investigadas podem também ter sido motivadas por influências interlinguísticas do HR no PB, pois, no caso desse processo, igualmente, o percentual de trocas dos falantes da zona rural, que utilizam mais o HR, que totalizou 3,1% (57 trocas em 1.865 ocorrências), foi maior do que o percentual obtido pelos falantes da zona urbana, que fizeram apenas 2,0% de trocas (38 trocas em 1.910 ocorrências).

A influência do HR na fala em PB de crianças bilíngues, de acordo com Gewehr-Borella (2010), pode ser transferida também para sua escrita em PB, como a pesquisadora verificou em seu estudo. Trocas motivadas por *dessonorização*, entretanto, foram encontradas também em amostras de escrita de informantes monolíngues, conforme Zorzi (1998), Consoni e Ferreira Neto (2010) e Cristofolini (2011), embora com uma frequência bem inferior. Esses pesquisadores acreditam que esse tipo de troca resulte da fala sussurrada, estratégia a que as crianças recorrem, consoante Cagliari (2001), durante a escrita, quando estão em dúvida sobre qual o segmento correto a ser usado. Dessa forma, é preciso ter cautela ao afirmar que a *dessonorização* na escrita das crianças investigadas decorra de influências interlinguísticas do HR no PB, até porque, no caso deste estudo, a variável *zona de localização* não foi considerada relevante pelo programa Goldvarb X, revelando que a diferença entre o índice de trocas realizadas pelas crianças da zona rural e da zona urbana não foi significativo.

Cabe destacar que a frequência menor da *dessonorização* em relação à *neutralização* na fala dos informantes em estudo se deve, possivelmente, ao estigma maior relativo ao processo de *dessonorização*, referido por Schneider (2007), motivo pelo qual os falantes procuram evitar a *dessonorização*, enquanto a *neutralização*, que é menos estigmatizada, continua ocorrendo com grande frequência.

b) Sonorização

No que tange aos condicionantes linguísticos e sociais que mais favorecem as influências interlinguísticas de ordem fonético-fonológica, a análise da amostra de fala das crianças mostrou que a *sonorização* é um processo que acontece pouco, mas, quando ocorre, é mais frequente em início de palavra e na posição pré-tônica, como na troca de /s/ e *ch* em *chinelo* por /z/ e *g* em 'ginelo'. No HR, de acordo com Altenhofen (1996), a *sonorização* ocorre tanto em posição inicial quanto em meio de palavra e, preferencial-

mente, em sílabas pós-tônicas. Sendo assim, há certa aproximação entre a amostra em análise e o resultado de Altenhofen apenas no que se refere à posição na palavra. Além disso, consoante Cristofolini (2011), a produção de segmentos plosivos e fricativos com uma estrutura diversa da tida como padrão na literatura da área foi verificada também entre crianças monolíngues de 6 a 12 anos. Isso significa que a *sonorização* não é um fenômeno exclusivo entre crianças bilíngues, até porque a frequência desse processo foi bastante pequena no caso deste estudo. Dessa forma, é difícil afirmar que a *sonorização* presente na fala das crianças investigadas decorra da influência do HR no PB.

Já a variável linguística *Classe de Segmento* e as variáveis sociais *Sexo*, *Escolaridade* e *Zona de Localização* não se mostraram relevantes para o processo de *sonorização* na fala, o que pode estar relacionado à baixa frequência com que esse processo ocorreu na amostra coletada, que foi de 0,2% (10 trocas em 5.666 ocorrências).

As variáveis sociais selecionadas para esta pesquisa também não se mostraram relevantes para o processo de *sonorização* na escrita. No que se refere às variáveis linguísticas, verificou-se consonância entre os resultados obtidos para as amostras de fala e de escrita para a variável *Tonicidade*, já que, nas duas modalidades da língua, a sílaba pré-tônica (como em ‘gabide’ para cabide) se mostrou como mais favorecedora à troca. Quanto à variável *Posição na Palavra Morfológica*, verificou-se que, na escrita, diferentemente do que foi verificado na amostra de fala, que revelou um percentual de troca maior em início de palavra (como em ‘gabide’ para cabide), as trocas foram mais frequentes em meio de palavra, como na escrita de “fejadura” no lugar de *fechadura*.

Sendo assim, apesar de a *sonorização* na escrita, de acordo com Cristofolini (2011), possivelmente resultar da influência de uma imagem mental inadequada do fonema, não se pode afirmar, categoricamente, que a *sonorização* nas amostras de escrita das crianças bilíngues resulte da influência da fala na escrita. Nesse caso, pode ser que as *sonorizações* decorram, simplesmente, de dúvidas comuns apresentadas pelos falantes durante a aprendizagem da escrita, como foi proposto por Zorzi (1997) e reiterado por Gewehr-Borella (2010), ou como resultante de um processo de hipercorreção.

Cabe destacar, ainda, que, na amostra de escrita, as *sonorizações* foram mais frequentes em segmentos fricativos (/ʒ, ʃ, v, f, z, s/) do que em oclusivos (/p, b, k, g, t, d/). Hipotetiza-se que a preferência pelas trocas de grafemas que representam fonemas fricativos decorra da multiplici-

dade de representação desses fonemas, como é o caso do fonema /ʒ/, que pode ser representado por 'g' ou 'j', e cujo correspondente desvozeado /ʃ/ também pode ser representado por mais de um grafema ('x' ou 'ch'). O mesmo ocorre com o fonema /s/, que pode ser representado por 's, ss, c, ç, sc, sç, x ou xc'.

c) Dessonorização

No que diz respeito à *dessonorização*, a análise da amostra de fala mostrou que esse processo é mais comum em início de palavra e em segmentos oclusivos, como na troca de /b/ e *b* em *bruxa* por /p/ e *b* em 'pruxa'. A *dessonorização* na fala de crianças bilíngues (HR/PB) é vista, na literatura revisada, como resultante da influência do HR no PB, já que a ocorrência de fonemas vozeados é rara no HR. Essa afirmação, entretanto, deve ser vista com ressalvas, já que esse processo também foi verificado em crianças monolíngues, conforme Cristofolini (2011), que localizou sete formas diferentes de produção de plosivas e fricativas desvozeadas envolvendo características de sonoridade.

A preferência maior pela *dessonorização* por parte dos informantes da zona rural (3,1%, 57 trocas em 1.865 ocorrências) em relação aos da zona urbana (2,0%, 38 trocas em 1.910 ocorrências), no caso deste trabalho, todavia, pode indicar certa influência do HR, já que os informantes da zona rural usam o HR com mais frequência do que os informantes da zona urbana, sendo a maior frequência de uso da língua de imigração o único fator, entre os estudados, que diferencia esses dois grupos, além da localização da residência. Essa hipótese é corroborada pelo fato de informantes da zona rural também terem realizado mais trocas na escrita (11,8%, 164 trocas em 1.385 ocorrências) do que os da zona urbana (5,9%, 65 trocas em 1.106 ocorrências).

A preferência pela *dessonorização* em segmentos oclusivos foi verificada também na amostra de escrita referente às crianças bilíngues, coletada por meio dos ditados e também nos ditados realizados por Cristofolini (2011). Dessa forma, parece evidente a influência da fala na escrita. Essa hipótese confirma-se também na medida em que a *dessonorização* na escrita, segundo Cagliari (2001), pode resultar da fala sussurrada, que leva ao ensurdecimento dos segmentos produzidos dessa forma, pois o sussurro é realizado, segundo o mesmo autor, com as pregas vocais afastadas, como ocorre na produção de segmentos desvozeados.

Quanto às variáveis sociais, a análise da amostra de escrita indicou uma leve tendência por parte do sexo feminino (11,9%, 154 trocas em 1.296

ocorrências) em realizar mais trocas do que os informantes do sexo masculino (6,3%, 75 trocas em 1.195 ocorrências). A variável *Sexo*, segundo Cristofolini (2011), não revelou papel importante em sua pesquisa, no que se refere à *sonorização* e *dessonorização* na escrita de crianças monolíngues. A produção maior de *dessonorizações* por parte das meninas, na amostra coletada para este trabalho, pode decorrer do fato de elas usarem mais o HR em seu dia a dia do que os meninos, já que são cuidadas por suas avós, com quem falam exclusivamente a língua de imigração, conforme Martins (2013). Os meninos, por outro lado, ainda segundo Martins (2013), passam mais tempo com seus avós, que alternam entre o uso do PB e do HR e que, em função do maior contato com outras variedades do PB, por causa da atividade profissional, podem estar produzindo menos *dessonorizações* em sua fala do que as avós, as quais interagem menos com pessoas de fora de sua comunidade. Dizendo isso, assume-se que, com base nos resultados obtidos por Martins (2013), de certa forma, o HR influencia a escrita em PB dos informantes deste estudo.

Isso pode ser dito porque, de acordo com Martins (2013), a única característica que diferencia as meninas e os meninos, além do sexo, no caso das crianças participantes desta pesquisa, é o cuidador. Por outro lado, segundo Lasch, Mota e Cielo (2008), as meninas bilíngues apresentam maior habilidade na realização de tarefas de consciência fonêmica do que os meninos e, se as habilidades de consciência fonêmica estão diretamente relacionadas ao domínio do código linguístico e as meninas parecem ter um desenvolvimento mais rápido desse código do que os meninos, segundo Andreazza-Balestrin (2007), as meninas deveriam ter realizado menos trocas do que os meninos, o que não se verificou nas amostras em estudo.

No que se refere à variável *Escolaridade*, as crianças do 2º ano, com 12,4% de trocas (115 trocas em 929 ocorrências), mostraram-se mais propensas à *dessonorização* na escrita em relação aos demais informantes (1º ano com 5,5% de trocas (25/458) e 3º ano com 8,1% (89/1104)). O fato de os informantes do 2º ano terem feito mais trocas do que os do 1º pode decorrer da introdução de regras de ortografia no 2º ano, as quais, por não estarem ainda cristalizadas, podem ter conduzido essas crianças a confusões provocadas por insegurança em seu uso.

d) Neutralização

A análise do processo de *neutralização* na amostra de fala, como a produção de ‘carinho’ no lugar de *carrinho*, por sua vez, mostrou que as variáveis linguísticas não exercem papel relevante para o fenômeno de

trocas entre os róticos. No que tange às variáveis sociais, verificou-se que, mais uma vez, são as meninas que fazem mais trocas (meninas 78,5% (255/325) e meninos 59,4% (199/335)). Observou-se, além disso, uma frequência de trocas maior entre os alunos do 3º ano (3º ano com 71,1% de trocas (185/240); 2º com 59% (124/210) e 1º ano com 69% (145/210)) e os informantes da zona rural (zona rural 78,4% (243/310) e zona urbana 60,3% (211/350)).

O fato de as meninas terem realizado mais trocas do que os meninos deve-se, possivelmente, também ao fato de serem cuidadas pelas avós, enquanto os meninos passam mais tempo com seus avós, como já foi esclarecido anteriormente na discussão relativa ao processo de *dessonorização* (MARTINS, 2013). A frequência maior de *neutralizações* entre os informantes da zona rural em relação aos da zona urbana também pode decorrer de influências interlinguísticas do HR no PB, já que usam mais a língua de imigração em seu dia a dia do que os informantes da zona urbana. Quanto à variável *Escolaridade*, convém destacar que a análise da amostra de fala refuta a hipótese inicial de que as trocas diminuiriam com o avanço da escolarização. Isso se deve, possivelmente, ao fato de que a *neutralização* é bastante frequente na fala de toda a comunidade.

A variável *Escolaridade* foi destacada também como relevante estatisticamente para a amostra de escrita. Nesse caso, contudo, excluindo-se os dados relativos ao 1º ano, para evitar o enviezamento dos resultados, a análise das amostras confirma a hipótese inicial de que as trocas diminuem com o avanço da escolarização, divergindo, dessa forma, do resultado obtido para a amostra de fala. A diminuição das *neutralizações* na escrita com o avanço da escolaridade está relacionada, provavelmente, com a aprendizagem do uso das diferentes representações do fonema /R/ na escrita, o que é trabalhado no final do 2º ano ou no início do 3º.

No que tange à variável *Sexo*, entendendo-se que as trocas na escrita decorram do desconhecimento do uso das múltiplas representações do /R/ e não em função da *neutralização* na fala, como foi dito anteriormente, não se pode afirmar que as meninas bilíngues tenham realizado mais trocas na escrita do que os meninos por terem também *neutralizado* mais na fala. Se de um lado, entretanto, as *neutralizações* na escrita podem ser explicadas com base nas múltiplas representações do *erre*, de outro, considerando-se o fato de que as meninas passam mais tempo com suas mães e, principalmente, com suas avós, as quais realizaram mais trocas do que os pais e

avôs, de acordo com Martins (2013), pode-se deduzir que as *neutralizações* na escrita podem decorrer, em certa medida, também de influências da fala na escrita. Sendo assim, não se possui uma explicação única para essa preferência por parte das meninas bilíngues, até porque se esperava que fizessem menos trocas do que os meninos, com base no estudo de Lasch, Mota e Cielo (2008).

Para a amostra de escrita, mostrou-se relevante também a variável *Tonicidade*, que revelou a sílaba tônica como favorecedora de trocas, enquanto as posições átonas, sílaba pré-tônica e pós-tônica, mostraram-se pouco favorecedoras, confirmando-se, dessa forma, a hipótese inicial de que as trocas seriam mais frequentes em posição tônica.

e) Potencialização

Por fim, no que diz respeito à *potencialização*, como a produção de ‘car-rona’ no lugar de *carona*, a análise dos dados mostrou que esse processo é pouco frequente tanto na fala (4,7%, 47 trocas em 1.007 ocorrências) quanto na escrita (1,5%, 12 trocas em 785 ocorrências). Chama a atenção que, quanto às variáveis linguísticas, somente a *Tonicidade* mostrou-se importante para a ocorrência do fenômeno, nas duas modalidades da língua, revelando o fator sílaba pré-tônica como mais favorável para a realização das trocas. Isso já era esperado, já que a potencialização ocorre somente no segmento rótico e só pode ocorrer em posição medial, pois, em início de palavra, em PB, só ocorre o r- forte, representado, nessa posição, unicamente pelo grafema ‘r’.

No que tange à amostra de escrita, mostrou-se favorecedor para a *potencialização* também o fator zona rural, já que os informantes residentes nessa região realizaram mais trocas (2,3%, 10 trocas em 439 ocorrências) do que os residentes na zona urbana (0,6%, 2 trocas em 346 ocorrências). Isso pode estar relacionado ao fato de as professoras das escolas da zona rural chamarem mais a atenção sobre as trocas entre róticos do que as da zona urbana, já que a comunidade acredita que a *neutralização* seja mais frequente entre as crianças da zona rural, de forma que esses informantes, com o intuito de não errar, possuem tendência maior à hipercorreção, que resulta na potencialização.

A síntese dos resultados da análise dos dados de fala e escrita pode ser visualizada nos Quadros 1 e 2 que seguem.

Processos	Sonorização	Dessonorização	Neutralização	Potencialização
Fatores linguísticos	sílabas pré-tônica			sílabas tônica e pré-tônica
		segmento oclusivo		
	posição inicial da palavra	posição inicial da palavra		
Fatores sociais		informantes da zona rural	informantes da zona rural	informantes da zona rural
			informantes do sexo feminino	
			informantes matriculados no 1º e 3º ano	

Quadro 1 – Síntese dos dados de fala. Fonte: Martins (2013, p.174)

Processos	Sonorização	Dessonorização	Neutralização	Potencialização
Fatores linguísticos	sílabas pré-tônica e tônica		sílabas tônica	sílabas pré-tônica
	grafema que representa segmento fricativo	grafema que representa segmento oclusivo		
	posição meio de palavra			
Fatores sociais		informantes da zona rural		informantes da zona rural
		informantes do sexo feminino	informantes do sexo feminino	
		informantes matriculados no 2º ano	informantes matriculados no 1º e 2º ano	

Quadro 2 – Síntese dos dados de escrita. Fonte: Martins (2013, p.206 e 207)

Considerações Finais

A análise das amostras de fala e de escrita coletadas com crianças bilíngues falantes do HR e do PB de Morro Reuter/RS aponta que elas buscam apoio na oralidade em seu processo de construção da escrita, uma vez que as alterações fonético-fonológicas relativas aos processos de *sonorização*,

dessonorização, neutralização e potencialização presentes na fala desses informantes aparecem também em sua escrita.

Entretanto, apesar de os processos de trocas serem os mesmos nas duas modalidades da língua, verificou-se que os percentuais foram superiores na escrita. Além disso, os contextos linguísticos e sociais que se mostraram favorecedores para a ocorrência das trocas não foram os mesmos na fala e na escrita. Cabe frisar, ainda, que a escrita com trocas em decorrência do apoio na oralidade já foi verificada por Zorzi (1998) e Cristofolini (2011), em estudos realizados com crianças monolíngues.

Dessa forma, o resultado desta pesquisa indica que trocas ortográficas produzidas por crianças em fase de aquisição da escrita podem decorrer do apoio em sua própria fala, mas estão relacionadas também às estratégias que as crianças utilizam para apropriar-se da escrita, pois, de acordo com Lemle (1982), Kato (1990) e Cagliari (2001), não há uma relação biunívoca entre os símbolos gráficos da escrita do português e os sons da fala, de modo que não basta a criança dominar a relação grafema-fonema para apropriar-se da escrita alfabética.

Sendo assim, é possível concluir também que o bilinguismo não é a única causa para os ‘erros’ ortográficos das crianças bilíngues investigadas, nem a principal, uma vez que o percentual de trocas na fala foi de apenas 5,5% (606 trocas em 11.108 ocorrências), enquanto na escrita foi de 7,2% (488 trocas em 6.764 possibilidades). Desmistifica-se, assim, em parte, a crença de que crianças bilíngues que apresentam trocas na fala possuem dificuldades de alfabetização/ortografia, ou seja, a crença de que falar HR atrapalha a aprendizagem do PB.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M. B. M. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.) *Aquisição de língua: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 167-186.
- ALTENHOFEN, C. V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- ANDREAZZA-BALESTRIN, C. *Relação entre desempenho em consciência fonológica e a variável sexo, na infância* [dissertação]. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria; 2007.

- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2001.
- CONSONI, F., FERREIRA NETTO, W. A tonicidade como influenciadora da variação entre consoantes surdas e sonoras na escrita de crianças no processo de alfabetização. In: *L Seminário do GEL*, 2002, São Paulo. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/WFNetto_Fono02.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2011.
- CRISTOFOLINI, C. Trocas ortográficas relativas à sonoridade na escrita infantil. In: *Work pap. Linguíst.*, 12(1): 11-25, Florianópolis, jan./jun., 2011.
- ELLIS, N. C. The Dynamics of Second Language Emergence: Cycles of Language Use, Language Change, and Language Acquisition. *Modern Language Journal*, v. 92, n. 2. P. 232 – 49, 2008.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. São Paulo: Artes Médicas, 1986.
- GEWEHR-BORELLA, S. A influência da fala bilingue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, Pelotas, 2010.
- GEWEHR-BORELLA; ZIMMER, M. C.. A influência do dialeto alemão hunsrückisch na aquisição da escrita do PB entre participantes bilíngues. In: *VI Congresso Internacional da Abralín*, 2009, João Pessoa. VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa: Ideia, 2009.
- KATO, M. A. *No Mundo da Escrita*. Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1990.
- LASCH, S. S., MOTA H. B., CIELO C. A. *Consciência fonológica: o desempenho de meninos e meninas bilíngues e monolíngues*. Rev. CEFAC, São Paulo, 2008.
- MARTINS, C. *Línguas em contacto – “saber sobre” o que as distingue*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.
- MARTINS, R. L. *Influências Interlinguísticas na Fala e na Escrita de Crianças Bilíngues Falantes do Português e do Hunsrückisch: Consoantes Oclusivas, Fricativas e Róticas*. Tese (doutorado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2013.
- MENEZES, G. *A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.
- SCHNEIDER, M. N. *Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul*. 2007. Tese (doutorado) – UFGRS, Porto Alegre, 2007.

WIESEMANN, U. Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul. *Associação Internacional de Linguística – SIL*, Cuiabá, 2008. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/LING>>. Acesso em: 4 set. 2011.

ZORZI, J. L. As trocas surdas- sonoras nos contextos das alterações ortográficas. In: ZORZI, J. L.; MARCHESAN, I. Q.; GOMES, I.D.G. (Org). *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, 1997. p. 441-462.

ZORZI, J. L. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Recebido em: 29/11/2014. Aceito em: 11/03/2015.